

Aumento da gasolina a qualquer momento

Prevê-se que o aumento será, no mínimo, de 40%; fala-se que o preço pode chegar a Cr\$ 315,00. Essa decisão terá de ser tomada agora, para reduzir o déficit na conta-petróleo, segundo a orientação do FMI.

O consumidor já deve ir preparando a bolsa: o governo vai decretar, a qualquer momento, ou junto com o pacote econômico prometido para a semana que vem, o novo e grande aumento no preço dos combustíveis, que deverá ser, no mínimo, de 40%, havendo ainda a possibilidade de a gasolina e o álcool serem reajustados em 50%, o que elevaria o litro de gasolina para Cr\$ 315,00 e o do álcool para Cr\$ 184,00, desde que seja mantida a relação de preços entre os dois combustíveis.

Ao darem a informação, ontem, em Brasília, técnicos do setor energético atribuíram o aumento ao fato de a Petrobrás estar pagando 38,82% a mais pelo álcool do que seu preço ao consumidor. E como existe a resolução da Comissão Nacional de Energia, que limita o preço do álcool ao máximo de 59% do preço da gasolina, o álcool seria o carro-chefe do aumento.

No entanto, na verdade, segundo uma fonte do Ministério da Indústria e do Comércio (MIC), o Fundo Monetário Internacional é que está exigindo uma drástica redução no déficit da chamada conta-petróleo (mantida pelo Conselho Nacional do Petróleo no Banco do Brasil, que paga a diferença — subsídio — em cruzeiros, pelo petróleo importado), considerada um dos maiores fatores de pressão sobre o déficit público. A redução recomendada pelo FMI, para este ano, é de Cr\$ 280 bilhões, devendo o déficit da conta-petróleo passar dos atuais Cr\$ 360 bilhões para Cr\$ 100 bilhões, o mesmo valor registrado ao final de 1982, via aumento de preços.

Ao reduzir o subsídio concedido ao consumo interno de petróleo, reconheceu a fonte ministerial, o

governo estará reaquecendo a inflação, já que desencadeará, além do efeito direto do aumento real dos preços dos derivados, efeitos indiretos do aumento de fretes e dos custos por unidade de produção agrícola (mais ainda para quem usa tratores movidos a diesel ou gasolina, colheitadeiras etc), industrial e de serviços.

Reajustes mais frequentes

O corte será distribuído conforme um "gradualismo mais acelerado", ao longo dos meses, pelo que se conclui que os reajustes serão mais frequentes. Além disso, ainda existe o problema das sucessivas desvalorizações cambiais que levam ao reajuste, para compensar a defasagem cambial. A perspectiva piora ainda mais tendo em vista as já visíveis pressões dos credores para que o governo acelere mais a desvalorização do cruzeiro, a fim de viabilizar o saldo de US\$ 6 bilhões na balança comercial, em dezembro.

Estímulo ao Proálcool

O corte na conta-petróleo (é expectativa geral no MIC) dará nova vida ao Proálcool. "No momento", disse a fonte ministerial, "a proposta do ministro Camilo Pena, Para que o governo invista mais US\$ 3 bilhões nos próximos três anos, na ampliação do programa, visando aumento de 3,2 bilhões de litros, parece irreal a muita gente".

Contudo, "o plano austero de estabilização econômica, que será colocado em prática antes da chegada da missão do FMI, contribuirá para eliminar os argumentos contrários ao investimento. Os investimentos no Proálcool não são em dólar e, além de proporciona-

rem economia de divisas, geram emprego, característica que será exigida de qualquer investimento a ser realizado de agora em diante".

O aumento dos juros para o setor agrícola e o corte no subsídio ao trigo também produzirão os mesmos reflexos do corte na conta-petróleo sobre os índices inflacionários: maiores preços da farinha, pão, biscoito, macarrão, etc., maiores custos para o produtor agrícola, maiores preços para os alimentos.

O surto inflacionário vai-se refletir no INPC, fatalmente. "O expurgo dos efeitos do aumento de preços sobre o índice", disse, "evitaria que os salários acompanhassem a inflação, mas a informação do ministro do Planejamento, Delfim Neto, de que o governo não vai mexer na lei salarial, deixa a situação em suspense." A livre negociação, em sua opinião, passará a ser a hipótese mais considerada. "Na prática", disse, "ela já está existindo — sem tanta liberdade — porque o trabalhador está negociando, o emprego e não o reajuste".

Hipóteses do aumento

Os técnicos informaram que a Seap (Secretaria Especial de Abastecimento e Preços) está estudando um segundo percentual de aumento para os derivados de petróleo, visando não onerar demasiadamente o orçamento doméstico com um grande aumento para o gás liquefeito de petróleo (GLP). Nesse caso, segundo os técnicos, o percentual de aumento médio dos derivados de petróleo, com exceção da gasolina, seria de 30%, enquanto a gasolina seria reajustada em 50%. Com essa hipótese, o litro da gasolina aumentaria de Cr\$ 210,00

para Cr\$ 315,00 e, se mantida a relação de preços gasolina-álcool, o litro do álcool passaria dos atuais Cr\$ 123,00 para Cr\$ 184,00.

Se o reajuste global for de 40%, o litro de gasolina custará em torno de Cr\$ 294,00, o do álcool Cr\$ 172,00, o do óleo diesel Cr\$ 182,00, o do querosene iluminante Cr\$ 184,00, e o botijão de gás (GLP) passaria de Cr\$ 1.287,00 para Cr\$ 1.801,80. Caso seja adotado o aumento médio de 30% para os derivados, à exceção da gasolina, o preço do GLP ficaria em torno de Cr\$ 1.673,00, o do óleo diesel Cr\$ 169,00, e do querosene iluminante Cr\$ 171,00.

Os técnicos esclareceram que o aumento percentual diferenciado para o preço da gasolina objetiva, além de não onerar demais o orçamento doméstico, evitar maior pressão sobre a inflação tendo em vista o grande peso inflacionário do óleo diesel e do óleo combustível, já que o transporte de carga no País é quase 100% à base do diesel e ainda é muito grande o consumo de óleo combustível nas indústrias.

O presidente do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), general Oziel de Almeida Costa, dificilmente concordará com um aumento mais baixo para o GLP, em relação aos demais derivados de petróleo, admitiram os técnicos. O general considera que "o baixo preço do GLP" é uma das causas do uso ilegal deste derivado de petróleo em automóveis, assim como o motivo principal do aumento do seu consumo em relação aos demais derivados. No primeiro trimestre deste ano, por exemplo, o consumo do GLP cresceu 9,6%, enquanto caiu 12,6% o da gasolina, 20,6% o do óleo combustível e 0,6% o do óleo diesel.